

INFANCIA MEDICALIZADA: UM ESTUDO SOBRE ROTULAÇÕES DIAGNÓSTICAS DO TDAH E SUAS RELAÇÕES COM A AS ESTRATÉGIAS DE CONTROLE BIOPOLÍTICO

Emanuela Lucas Dias (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Daniele de Andrade Ferrazza
(Orientador), e-mail: emanuelalucasdias@gmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e
Arte / Maringá, PR.

Psicologia / Psicologia Social

Palavras-chave: medicalização, biopolítica, TDAH.

Resumo:

Atualmente, o processo de medicalização da infância tem se mostrado cada vez mais marcante na sociedade brasileira, com destaque para a generalizada determinação de diagnósticos de TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção de Hiperatividade) acompanhado de prescrições psicofarmacológicas destinadas a crianças e adolescentes. Nessa perspectiva, o presente trabalho teve como objetivo analisar as noções de medicalização e biopolítica nas obras do filósofo francês Michel Foucault, com intuito de compreender como essas noções foram discutidas na tese – “A Biologia Moral da Atenção: a constituição do sujeito (des)atento” – de Luciana Caliman que discute a infância medicalizada com TDAH. Trata-se de um estudo bibliográfico teórico-conceitual, no qual, primeiramente foram analisadas as noções de biopolítica e medicalização apresentadas nas obras de Foucault. Posteriormente, foi realizada a análise da tese de doutorado de Caliman. Por fim, foi produzida uma discussão analítica sobre como as noções de medicalização e biopolítica perpassam a infância diagnosticada com TDAH. Conclui-se que o diagnóstico de TDAH não foi constituído apenas por um olhar científico e biológico, sua construção perpassa também por aspectos morais, sociais, políticos e econômicos, que evidenciam as estratégias de controle biopolítico e as relações de interesse entre medicina e indústria farmacêutica.

Introdução

Atualmente, o processo de medicalização da infância tem se mostrado cada vez mais marcante na sociedade brasileira. Nesse sentido, o saber médico convocado a solucionar toda e qualquer situação considerada desagradável do cotidiano, vem promovendo uma patologização das atitudes próprias da infância, muitas vezes, exclusivas do âmbito escolar. Dentre os processos de medicalização da infância na contemporaneidade, a determinação do

diagnóstico de TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção de Hiperatividade) à crianças e adolescentes tem sido um fenômeno comum. O saber médico psiquiátrico transforma o discurso do sujeito em sintoma de uma doença e impõe rotulações diagnósticas que também promovem processos de estigmatização. Isso remete ao que Foucault (2004) denomina como um saber-poder sobre a vida dessas pessoas, das quais o saber médico tem o poder de dizer o que é e o que não é normal. As crianças são modeladas segundo os padrões impostos pelo meio em que vivem e segundo os discursos de “normalidade” que, muitas vezes, as coagem a agir de determinada maneira. Isso está diretamente relacionado ao que Michel Foucault denominou de biopoder: um poder que exerce o controle sobre o corpo, a vida, ditando a maneira como o sujeito deve vive-la (FOUCAULT, 1988). No caso da infância diagnosticada com TDAH, os comportamentos considerados inadequados e desajustados são submetidos à adaptação e ajustamento, conforme um suposto padrão estabelecido como normal. Perante essa problemática, o presente trabalho teve como objetivo analisar as noções de medicalização e biopolítica nas obras do filósofo francês Michel Foucault a fim de compreender como essas noções foram discutidas na tese – “A Biologia Moral da Atenção: a constituição do sujeito (des)atento” – de Luciana Caliman que aborda a infância medicalizada com TDAH.

Metodologia

Trata-se de um estudo bibliográfico teórico-conceitual, no qual, primeiramente foram selecionados e analisados textos de Michel Foucault que apresentavam os conceitos de biopolítica e de medicalização. Posteriormente, foi realizada a leitura e análise da tese de Luciana Caliman, intitulada de “A Biologia Moral da Atenção: a constituição do sujeito (des)Atento”, com especial atenção aos conceitos de biopolítica e medicalização e suas relações com o fenômeno de medicalização da infância através da determinação do diagnóstico de TDAH. Por fim, foi produzida uma discussão analítica sobre como as noções de medicalização e biopolítica perpassam a infância diagnosticada com TDAH.

Resultados e Discussão

De acordo com Michel Foucault, a partir da época clássica, o ocidente passou por transformações dos mecanismos de poder, momento no qual o Estado Moderno passou a assumir a função de gerir a vida de um conjunto de pessoas em um processo de controle social biopolítico. O poder passa a ser “um poder destinado a produzir forças, a fazê-las crescer e a ordená-las mais do que a barrá-las, dobrá-las ou destruí-las” (FOUCAULT, 1988, p. 128). Esse novo mecanismo de poder se caracterizou como um poder que tinha como principal função o investimento sobre a vida. O viver passa a estar no “campo de controle do saber e de intervenção do poder” (FOUCAULT, 1988, p.134). Para Foucault essa maneira de controle sobre os corpos pode ser denominada como “biopolítica”, conceito referente ao

controle que o domínio de saber e poder passa a ter sobre a vida e os modos de vivê-la, assumindo o papel de transformador da vida humana (FOUCAULT, 1988). As estratégias de gerenciamento da vida e seus modos de existência serão compreendidas por Foucault como biopoder que, por sua vez, se configura em duas formas: a disciplina e a biopolítica. A disciplina refere-se às práticas de docilização e disciplinarização do corpo e a biopolítica está voltada às ações sobre a população como espécie humana, mais especificamente, sobre os modos de existência da população. As estratégias biopolíticas estão diretamente ligadas a noção de medicalização, que pode ser compreendida como um processo pelo qual qualquer fenômeno da vida humana pode ser transformado em “campo de ação da intervenção médica” (FOUCAULT, 2010, p.178).

Com a análise da tese de doutorado da professora Luciana Caliman foi possível a compreensão do processo de constituição do sujeito atento/desatento que, segundo a autora, fizeram parte da história dos diálogos entre a biologia e as disciplinas que discutem as questões morais da atenção. A concepção de atenção foi diversa e em diferentes momentos foram criadas formas específicas de medi-la, controla-la e julga-la (CALIMAN, 2006). Assim, a autora aponta que diferentes regimes científicos criaram e propagaram valores epistêmicos específicos, mas todos fizeram parte da constituição dos valores da atenção. Na segunda metade do século XVIII, a atenção era vista como um ato mental que deveria ser disciplinado. Na segunda metade do século XIX, a atenção era vista como facilitadora da objetividade científica. E, nas últimas três décadas do século XX até os dias atuais, a atenção vinculava-se à escolha intuitiva do cientista (CALIMAN, 2006).

Caliman (2006) também descreve as contingências morais e sociais que fizeram e fazem parte da construção do diagnóstico de TDAH que foi constituído nas últimas três décadas do século XX. A autora pontua que a “história oficial do TDAH” é contada pelo discurso neurobiológico, versão publicada em órgãos públicos e associações profissionais, que consideram que “o TDAH é um fato biológico atemporal” (CALIMAN, 2006, p. 71). No entanto, Caliman (2006, p. 71) afirma que, na pesquisa neurobiológica da atenção, “ciência, biologia e moral não se separam”. A diferenciação entre normal e patológico no TDAH é feita por meio de comparações quantitativas dos sintomas. Tendo em vista que a desatenção, o comportamento impulsivo e a atividade motora excessiva (características definidoras do TDAH) são peculiaridades comuns da vida de qualquer pessoa, especialmente de crianças, percebe-se a dificuldade que se tem em demarcar essa divisão. A autora apresenta, também, as diferentes nomenclaturas do transtorno, os diferentes diagnósticos “guarda-chuvas” incluídos na história oficial do TDAH, bem como, o discurso que predomina e conta essa história.

Podemos compreender o diagnóstico de TDAH como uma estratégia de biologização da vida, “como aquela do controle e da medicalização infantil” (CALIMAN, 2006, p. 105), na qual aspectos morais e da vontade de sujeitos são transformados em sintomas de um diagnóstico. Segundo Caliman (2006,

p. 123), “a história oficial do TDAH é um instrumento potente de legitimação do discurso neurobiológico”. Assim, na teoria neuropsicológica sobre o TDAH, “a separação entre o fator biológico e o fator moral é apenas uma ficção” (p. 141). A constituição do diagnóstico não é um “empreendimento puramente científico”, é resultado de “um pacto social, político e econômico no qual a moral e a biologia da atenção permanecem vinculadas, se alimentando mutuamente” (CALIMAN, 2006, p. 149). Assim, o TDAH extrapola a pesquisa neurobiológica e suas tecnologias e é apresentado como um modelo do que não é permitido e tolerado.

Considerações Finais

Conclui-se que as transformações de problemas escolares em rótulos diagnósticos e, conseqüentemente, em problemas exclusivamente médicos está relacionado ao processo de medicalização e controle biopolítico que Michel Foucault apontara em sua obra na década de 70. Noções que Luciana Caliman retoma em sua tese, publicada no ano de 2006, para explicar como ocorreu o engendramento do sujeito desatento, diagnosticado com TDAH e submetido ao controle por meio da tutela médica psiquiátrica e da prescrição de medicação psicofarmacológica. Percebe-se como o diagnóstico de TDAH não foi constituído apenas por um olhar científico e biológico, sua construção perpassa também por aspectos morais, sociais, políticos e econômicos, que evidenciam as estratégias de controle biopolítico e as relações de interesse entre medicina e indústria farmacêutica.

Agradecimentos

Agradeço a professora orientadora Daniele de Andrade Ferrazza pela paciência e orientação. A Fundação Araucária e UEM pela bolsa concedida por meio do PIBIC-AF-IS/CNPq.

Referências

CALIMAN, L. V. **A biologia moral: a constituição do sujeito (des)atento**. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Medicina Social, 2006.

FOULCAULT, M. Crise da medicina ou crise da antimedicina. **Verve**, v. 18, p. 167-194, 2010.

FOULCAULT, M. Direito de morte e poder sobre a vida. In: ____ (Org.). **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, p. 125-149, 1988.

FOUCAULT, M. Os corpos dóceis. In: _____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 125-152, 2004.